

Abstract

The ruling practice of several Member States of the European Union (EU) currently is under mounting pressure as a result of the European fight against aggressive tax planning. At present, the compatibility of rulings is even questioned from an EU State aid perspective. According to the authors, this may be without reason.

In the present contribution it will be examined whether or not rulings can qualify as prohibited State aid. We will come to the conclusion that, in most cases, this is rather unlikely because even if a ruling could qualify as an 'advantage' (quod non), such advantage lacks the required 'selectivity'. Without a selective advantage, there is no State aid.

According to the authors, a ruling practice can be deemed incompatible with State aid regulations only in one particular case, namely in case of a 'selective benefit granting ruling'. Because the ruling regime in Belgium does not allow for these types of rulings, at least the Belgian ruling practice appears to be EU compliant.

The current article focuses on the Belgian ruling practice in the context of EU State aid legislation. The conclusions reached herein, however, should to a large extent equally apply to similar systems of advance consultation (in tax matters) applicable in other jurisdictions across Europe (which are also subject to State aid rules) and the across the globe (which may be subject to GATT/WTO rules on subsidies). Where possible and useful, the authors will attempt to draw a parallel with the (Colombian) system of 'stabilization contracts'.

Key words

Ruling practice, Stabilization contract, State aid, Belgium, Europe

Resumen

La práctica de sentencias de varios Estados Miembro de la Unión Europea (UE) se encuentra, actualmente, bajo creciente presión como resultado de la lucha europea contra la planeación fiscal agresiva. En la actualidad, la compatibilidad de sentencias es incluso cuestionada desde la perspectiva de ayudas de Estado de la UE. Según los autores, esto puede no tener razón alguna.

En el presente trabajo, se examinará si las sentencias pueden ser calificadas como ayudas de estado prohibidas. Llegaremos a la conclusión de que, en la mayoría de los casos, esto es poco probable debido a que incluso si una sentencia pudiera ser calificada como una

“ventaja” (quod non), tal ventaja carecería de la “selectividad” requerida. Sin una ventaja selectiva, no puede haber ayuda de Estado. Según los autores, la práctica de sentencias puede ser considerada incompatible con las normas de ayudas de Estado únicamente en un caso concreto, específicamente en el caso de “sentencia de concesión selectiva de beneficios”. Debido a que el régimen de sentencia en Bélgica no permite este tipo de fallos, al menos la práctica de sentencias Belga parece ser compatible con la UE.

El presente artículo se enfoca en la práctica de sentencias belga en el contexto de la legislación de ayudas de Estado de la UE. Las conclusiones aquí presentadas, sin embargo, deberían ser aplicadas en gran medida a sistemas similares de consulta avanzada (en materia fiscal) aplicable en otras jurisdicciones en toda Europa (las cuales también están sujetas a las normas de ayuda de Estado) y en todo el mundo (las cuales pueden estar sujetas a las normas sobre subsidios GATT/WTO). Siempre que sea posible y útil, los autores intentarán trazar un paralelo con el sistema (colombiano) de “contratos de estabilización”.

Palabras clave

Práctica de sentencias, Contrato de estabilización, Ayuda de Estado, Bélgica, Europa.

Resumo

A prática de sentenças de vários dos Estados Membro da União Europeia (UE) encontra-se atualmente sob crescente pressão como resultado da luta europeia contra o planejamento tributário agressivo. Na atualidade, a compatibilidade de sentenças é inclusive questionada desde a perspectiva de ajudas de Estado da UE. Segundo os autores, isto pode não ter razão alguma.

No presente trabalho, se examinará se as sentenças podem ser qualificadas como ajudas de estado proibidas. Chegaremos à conclusão de que, na maioria dos casos, isto é pouco provável devido a que inclusive se uma sentença pudesse ser qualificada como uma “vantagem” (quod non), tal vantagem careceria da “seletividade” requerida. Sem uma vantagem seletiva, não pode haver ajuda de Estado.

Segundo os autores, a prática de sentenças pode ser considerada incompatível com as normas de ajuda de Estado unicamente em um caso concreto, especificamente no caso de “sentença de concessão seletiva de benefícios”. Debido a que o regime de sentença na Bélgica não permite este tipo de sentença, pelo menos a prática de sentenças belga parece ser compatível com a UE.

O presente artigo foca-se na prática de sentenças belga no contexto da legislação de ajudas de Estado da UE. As conclusões aqui apresentadas, no entanto, deveriam ser aplicadas em grande medida a sistemas similares de consulta avançada (em matéria tributária) aplicável em outras jurisdições em toda a Europa (as quais também estão sujeitas às normas de ajuda de Estado) e no mundo todo (as quais podem estar sujeitas às normas sobre subsídios GATT/WTO). Sempre que for possível e útil, os autores tentarão traçar um paralelo com o sistema (colombiano) de “contratos de estabilização”.

Palavras-chave

Prática de sentenças, Contrato de estabilização, Ajuda de Estado, Bélgica, Europa.